



Recebido em: 07/06/2016

Aceito em: 01/09/2016

**PROCESSOS FORMATIVOS E USO DO FOGO NO SAMBAQUI DE CABEÇUDA –
SC
PROCESS OF FORMATION AND USE OF FIRE ON BRAZILIAN SHELLMOUND
OF CABEÇUDA-SC**

Thamyres Ederli¹

PPGARq-MN-UFRJ

<http://lattes.cnpq.br/2605255974637629>

Resumo: O sambaqui de Cabeçuda foi o primeiro sítio litorâneo de grandes dimensões sistematicamente escavado no Brasil, e ainda guarda importantes informações sobre as práticas culturais e o modo de vida das populações que o construíram. A interpretação de dados estratigráficos recentes, assim como o uso de fontes históricas sobre escavações arqueológicas podem nos fornecer informações muito importantes sobre sítios que já não possuem mais a sua totalidade preservada; essas informações podem ser fundamentais por conter dados que não podem mais ser acessados de outras maneiras. Os estudos estratigráficos, bem como suas interpretações, podem responder questões acerca da funcionalidade do sítio através do exame de suas camadas. Quando comparadas aos resultados de escavações mais recentes, estes dados se tornam ainda mais completos. O objetivo principal desse projeto é investigar a frequência do uso do fogo no Sambaqui de Cabeçuda e a sua relação com os distintos padrões construtivos associados a este sítio, a partir da análise de dados qualitativos (análises documentais) e quantitativos (pesagem e contagem de carvões) provenientes das diversas escavações aí realizadas. Espera-se com isso contribuir

¹ Mestranda, Programa de Pós Graduação em Arqueologia, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Orientadora: Dra. Rita Scheel-Ybert. Projeto de Pesquisa em Desenvolvimento: Processos Formativos e Uso do Fogo no Sambaqui de Cabeçuda – SC

para a compreensão dos processos de formação deste sambaqui, dos padrões de uso do fogo e de suas possíveis conotações rituais.

Palavras-chaves: Sambaqui, Processos formativos, Fogo, Cabeçuda, Luiz de Castro Faria, Ritual.

Abstract: The Cabeçuda Brazilian Shellmound was the first shore site of great dimensions to be systematically excavated in Brazil, and still holds important knowledge on the cultural practices and the lifestyle of the population who have built it. The interpretation of recent stratigraphical data, as well as the use of historical sources on archaeological excavations, may give us very important info on sites no longer fully preserved, and these pieces of information might be vital for they can contain data that may no longer be possible to be obtained by other means. The stratigraphical studies, as well as their interpretations, may answer questions about the function of the site through the analysis of it's layers. When compared to most recent excavations, this data becomes more complete. This project aims to investigate the frequency of the use of fire in the Brazilian shellmound of Cabeçuda and it's relation to the distinct building patterns associated with this site, by analysis of qualitative data (documented analysis) and quantitative data (weighing and counting of charcoal) from many excavations there performed. By this, it's expected to contribute to the comprehension of the formation processes of this shellmound, the fire use patterns and it's possible ritualistic connotations.

Keywords: Brazilian shellmound, Fire, Cabeçuda, Luiz de Castro Faria, rite, ritual.

INTRODUÇÃO

Quase todos os povos indígenas no Brasil contam histórias preciosas sobre o fogo. Alguns tipos de mitos são encontrados em todas as sociedades, embora funcionem de diferentes maneiras em cada uma delas. Os mitos podem tentar explicar a origem do universo, da humanidade, o desenvolvimento de instituições políticas ou as razões das práticas rituais (MINDLIN, 2002). Estudos desenvolvidos em sambaquis têm apontado para uma extensa prática ritual marcada pelo uso do fogo (GASPAR, 2004).

Os sambaquis da região Sul, especialmente os da costa de Santa Catarina, são muito maiores do que os sítios de outras partes do Brasil, e inúmeras pesquisas têm comprovado que muitos deles são sítios exclusivamente funerários (FISH et al., 2000; DE BLASIS et al., 2007). Estudos zooarqueológicos (KLÖKLER, 2008) e antracológicos (BIANCHINI & SCHEEL-YBERT, 2012) sugerem para estes sítios a prática de festins ou oferendas fúnebres, sendo que a própria construção dos sítios provavelmente se fez em torno dos ritos funerários (FISH et al., 2000; GASPAR, 2000; DEBLASIS et al., 2007; BIANCHINI & SCHEEL-YBERT, 2011).

O ritual é aqui entendido como uma configuração do exercício social, envolvida abertamente no alargamento das dinâmicas de inter-relações, sociais e políticas (TURNER, 1969). Os festins, especialmente os maiores, como episódios funerários, demandam locais particulares de preparo com dimensão avolumada para a elaboração dos artigos alimentares que serão servidos. Associadas aos espaços de preparo, fogueiras de amplo volume ou maior coleção de armações de combustão igualmente podem estar integradas. O teor destas fogueiras também pode distingui-las de fogueiras de caráter coloquial. (HAYDEN, 2001; TWISS, 2008).

Teóricos como Frazer interpretavam os mitos como formas de antigos pensamentos científicos ou religiosos. Esta abordagem foi posteriormente criticada por Malinowski, que via o mito como explicação para a ordem social. O historiador romeno norte-americano Mircea Eliade via o mito como um fenômeno religioso, isto é como a tentativa de o homem retornar ao ato original da criação (MINDLIN, 2002). Claude Lévi-Strauss (1991) afirmou que a importância do mito não está em seu conteúdo, mas em sua estrutura, uma vez que ela revela processos mentais universais. Em Psicologia os mitos são vistos como uma importante base para o comportamento humano Tanto Freud quanto Jung utilizaram largamente os mitos em seus trabalhos. Quaisquer que sejam as teorias a respeito das origens e funções dos mitos, esses permanecem fundamentais para a consciência humana (MINDLIN, 2002).

Para Fish (2000), o sítio Sambaqui Jabuticabeira II que é um sítio de proporções monumentais, muito bem estudados assim como o Sambaqui de Cabeçuda, apresentaria um caráter cerimonial de longa duração que está relacionado ao culto aos ancestrais e a sua construção seria o resultado de muitos processos ritualísticos e simbólicos, fazendo com que ao longo dos anos o sítio se tornasse um cemitério. A partir desse novo ponto de vista, os aspectos simbólicos e rituais que antes eram pouco relevantes nos estudos dos processos de formação desses sítios passaram a ser levados em consideração como um ponto central na investigação arqueológica (BENDAZZOLI, 2007).

Klokler (2012) considera que o planejamento e preparo dos ritos funerários concretizados no sambaqui Jabuticabeira II (Jaguaruna, SC) exigiam um período antecipado de preparação e possivelmente abarcavam um empenho organizado do grupo. Tal projeto necessitaria da organização de atividades para aquisição dos recursos fundamentais para o festim como a pesca, coleta de moluscos e madeira, a preparação do morto, o aviso a membros mais afastados do grupo sobre os tributos mortuários, entre outros (KLOKLER, 2012).

Embora esse ponto de vista seja muito relevante, deve-se ter cautela ao aplicá-lo os outros sítios, para que não ocorram generalizações de nenhum tipo. São necessárias muitas pesquisas multidisciplinares e detalhadas e um intenso trabalho de observação, comparação e exame da composição estrutural de cada sambaqui para que se possa esclarecer a funcionalidade do sítio.

Estudos recentes, no entanto, propõem que o Sambaqui de Cabeçuda (Laguna, SC) também seria um monumento funerário (SCHEEL-YBERT, 2012). No decorrer dos processos sociais inerentes a estas sociedades sambaquianas, é possível notar que havia um esforço empregado na manutenção daquele meio social, ou seja, os ritos de passagem mobilizavam um grande número de pessoas. A construção do espaço ritual tem caráter fundador, pois o sítio é pensado para abrigar aqueles conjuntos de corpos, protegendo-os (comunicação pessoal, SCHEEL-YBERT, 2014).

Este trabalho² pretende contribuir para a compreensão dos processos de formação de sítio, importância do uso do fogo e rituais através das análises de dados qualitativos (material documental) e quantitativos (triagem, pesagem e quantificação sistemática dos carvões) referentes às campanhas de escavação de 1950/1951 e das recentes escavações, realizadas em 2010, 2011 e 2012.

² Projeto intitulado: Processos Formativos e Uso do Fogo no Sambaqui de Cabeçuda- SC, em desenvolvimento no PPGArq, sob orientação da Dra Rita Schell-Ybert.

Parte-se do princípio que o estudo dos restos vegetais carbonizados pode contribuir para a compreensão dos processos de formação de sítios a partir de estimativas da concentração e da diversidade dos fragmentos de carvão em diferentes camadas arqueológicas, o que pode ser considerado um *Proxy* de intensidade e duração da atividade (SCHEEL-YBERT, 2013). O uso de fogo implica na utilização de estruturas ou locais de combustão durante um determinado lapso de tempo. Quanto mais longo for o tempo de utilização de um assentamento, mais eventos de fogo serão aí realizados, para diversas finalidades (sejam domésticas, especializadas ou rituais), e maior será a área percorrida no entorno do sítio para coleta de combustível (lenha). A longa duração, conseqüentemente, resulta numa maior concentração de carvões, assim como em maior diversidade. Fogos ou fogueiras que tenham tido uma curta utilização no tempo, ao contrário, deixarão poucos vestígios e apresentarão apenas uma pequena diversidade de plantas, correspondendo aos poucos ramos que foram usados para fazer aquele fogo específico.

Isso significa que esses indivíduos revisitam o sítio. Com a comprovação da existência de fogueiras de longa duração, podemos afirmar que existiam pessoas cuidando das fogueiras o tempo todo, retroalimentando-as, pois tudo que se torna carvão é resultado de uma queima incompleta, e se esse material não queimou completamente ao ponto de tornar-se cinzas, é porque existia um grande volume sendo queimado (comunicação pessoal, SCHELL-YBERT, 2014).

DELIMITAÇÃO DO OBJETO E METODOLOGIA DE ESTUDO

A partir dos resultados advindos das cadernetas de Luiz de Castro Faria referentes às escavações de 1950 e 1951 no sambaqui de Cabeçuda (EDERLI, 2014), foram delimitados os aspectos a serem estudados nesse trabalho. No presente trabalho pretende-se analisar todo material documental e iconográfico provenientes dessas escavações. Ao todo são três cadernetas (CFDA. 19.01.017, CFDA. 19.01.018 e CFDA. 19.01.019) que foram transcritas e apresentaram dados passíveis de correlação com o material depositado na reserva técnica e um número ainda indeterminado de fotos.

Todos os dados foram plotados em uma tabela com todas as amostras de carvão referentes a essas primeiras escavações, correlacionando os seus respectivos locais de proveniência (nível, local escavado e se estão associadas a sepultamentos ou não), num total de 78 amostras (Figura 1, a seguir).

Caixa	NP	Material	Informações do Banco de dados
11	63230	Malacológico	IIH 0,75-1,00-1950 Material de campo não processado.
11	63220	Malacológico	IIB 0,50-0,75-1950 Material de campo não processado. Transferidos, em 19.01.2011, para a reserva técnica de Antropologia Biológica restos humanos que integravam este conjunto.
11	63217	Malacológico	IIB 0,75-1,00-1950 Material de campo não processado.
11	63228	Malacológico	IIG 0,50-0,75 Material de campo não processado.

Figura 1- Tabela enumerando as amostras de carvão referentes às escavações de Castro Faria. Por motivos de formatação para a presente publicação a seguinte tabela não se encontra completa, estando representadas na figura apenas as quatro primeiras amostras, não representando, portanto, a totalidade de amostras estudadas.

Serão analisadas também as documentações referentes às últimas escavações que ocorreram em 2010, 2011 e 2012, no quadro de dois projetos coordenados por professores do Museu Nacional – UFRJ. O primeiro: “Gente, plantas e bichos: uma investigação multidisciplinar sobre o ritual funerário em dois importantes sambaquis do sul de Santa Catarina” (Universal CNPq), realizado sob a coordenação de Rita Scheel-Ybert e Claudia Rodrigues-Carvalho. E o segundo, sob a coordenação de Maria Dulce Gaspar, intitula-se: “Sambaquis: médios, grandes e monumentais - Estudo sobre as dimensões dos sítios arqueológicos e seu significado social” (Pronex/FAPERJ). Este material está atualmente depositado no Laboratório de Arqueobotânica e Paisagem, sendo objeto de diferentes análises.

Nas campanhas de 2010, 2011 e 2012 foram realizadas coletas sistemáticas de sedimento (SCHEEL-YBERT, 2012). Todo o sedimento retirado destas unidades de escavação foi coletado em baldes de tamanho padronizado, pesado, peneirado e posteriormente flotado para recuperação dos carvões de acordo com a metodologia proposta por Scheel-Ybert et al. (2005/2006).

Amostras de sedimento selecionadas, tanto a partir do material conservado na Reserva Técnica, quanto a partir destas últimas escavações, estão sendo triadas com as seguintes malhas de peneira: 5.6 mm, 4.0 mm e 2.0 mm. Amostras previamente flotadas também estão sendo analisados, caso em que os carvões serão separados em fração leve e fração pesada.

Está em curso, no laboratório, a triagem destes carvões e pesagem em balança de precisão. As amostras estão sendo processadas através do cálculo de concentração dos carvões (peso do sedimento coletado em campo (kg) / peso dos carvões extraídos desse sedimento em laboratório, após flotação e triagem (g)). Essa concentração será expressa em gramas de carvão/quilograma de sedimento.

Posteriormente estes dados serão interpretados em termos de intensidade do uso do fogo e processos de formação (Figura 2, a seguir). Ainda não dispomos de um número final de amostras a serem analisadas.

NP	Ano	Área	Quadra	Camada	Sep	A. Total	NºF. 2mm	NºF. 1mm	NºFrag. T
1062	2011	A1	E3	35nível4	1	0.0112g		12	12
879	2011	A1	D3/D4	35nível4	1	0.0226g	7		7
877	2011	A1	D4	35nível4	1	0.0088g	2		2
970	2011	A1	C3	38nível4	1	0.4826g	20	224	244
610	2011	A1	E3	35nível3	1	0.0027g		2	2

Figura 2 – Tabela enumerando as amostras de carvão associadas ao sepultamento 1 (2011) seguindo as diretrizes propostas no trabalho. Por motivos de formatação para a presente publicação a seguinte tabela não se encontra completa, estando representadas na figura apenas as cinco primeiras amostras, não representando, portanto, a totalidade de amostras estudadas.

DISCUSSÃO E CONCLUSÃO

Impelido pela curiosidade científica e devido às constatações de ampla destruição que estavam ocorrendo nesses sítios, Luiz de Castro Faria foi encaminhado para escavar o sambaqui de Cabeçuda, nos períodos de 1950 e 1951 (Figura 3, a seguir). O interesse em escavar esse tipo de sítio foi proveniente da participação do mesmo na Expedição Etnográfica a Serra do Norte, em 1938, tendo como presença icônica Claude Lévi-Strauss (EDERLI, 2014).

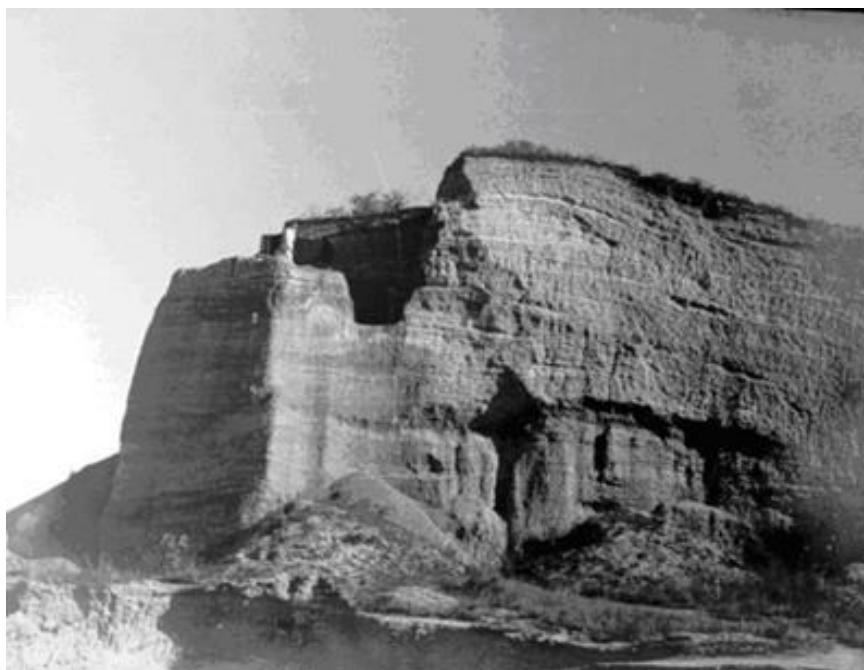


Figura 3 - Em 1950/51, o que restava do ainda majestoso Sambaqui de Cabeçuda, um dos maiores do litoral meridional, quando selecionado por Castro Faria para escavações sistemáticas. A área escavada por ele corresponde ao corte em "U" feito no topo, na porção anterior. Fundo Castro Faria, Arquivo de História da Ciência, Museu de Astronomia/ MCT (CFDA 05.08.067 F 003).

A coleção do Sambaqui de Cabeçuda é uma das maiores coleções osteológicas humanas de construtores de sambaquis já recuperadas. Em 274 registros, apresenta cerca de 280 indivíduos de ambos os sexos e de todas as idades. O padrão funerário observado é caracterizado por indivíduos hiperfletidos (indivíduos com membros inferiores e superiores flexionados junto ao corpo, “posição fetal”). A área escavada corresponde ao total de 140 metros quadrados, atingindo até 8,5 metros de profundidade, em duas campanhas anuais (SIMÃO, 2009, EDERLI, 2014).

Na primeira caderneta, referente a 1950, Castro Faria informa que foi acompanhado por dois pesquisadores: Antonio Guerra e Rafael Reys (não foram encontradas informações sobre) (Dos. CFDA 19.01.017, p. 44) (EDERLI, 2014). A escavação se iniciou de dois pontos: um perfil em “U” reaproveitado, aberto pelo garimpo, o qual foi denominado como “perfil 1” e o “sítio 2”, representado por uma área acima desse perfil e identificado pela ausência de conchas. (Doc. CFDA 19.01.018, p. 3)(EDERLI, 2014).

Camadas de areia pura em Sambaquis foram muitas vezes interpretadas como abandono de sítio, ou seja, uma deposição natural de sedimento que frequentemente era removida dos sítios sem que fossem estudadas por arqueólogos. (AB’SÁBER e BEMARD, 1953). Castro Faria encontrou camadas de areia pura e escura no “sítio 2”, essas camadas foram estudadas devido à advertência de moradores locais. Foram encontradas fogueiras estruturadas classificados por Castro Faria como “fogões”, sepultamentos e acompanhamentos funerários. Outro fato que o fez se interessar por essa camada, além do alto índice de materiais humanos encontrados nela, foi que Castro Faria tinha quase certeza de que as pedras que assinalavam as sepulturas tinham sofrido ação do fogo por algumas apresentarem descascamento³ (Doc. CFDA 19.01.019, p.50) (EDERLI, 2014).

Castro Faria enfrentou muitos problemas em relação à remoção de materiais, por estes se apresentarem muito frágeis, fato que fez com que muitas vezes essa remoção não fosse feita. Geralmente os sepultamentos eram fotografados e, algumas das vezes, nem isso. (Doc. CFDA 19.01.017, p. 23). É importante salientar que até o momento da transcrição das cadernetas por Ederli (2014), não se sabia a localização do “sítio 2”. Este, no entanto, foi localizado como sendo uma sucessão

³ Rochas expostas ao calor apresentam características como descascamento por ficarem em contato com o fogo essas rochas pode estar delimitando fogueiras domésticas e rituais. Existem dois tipos de rochas marcadas pelo fogo: seixos e demais pedras que não apresentam polimento e lascamento (seixos que delimitam fogueiras), e artefatos que eram rochas que foram trabalhadas para virarem instrumentos (machados, percutores, almofarizes) que apresentam queima por estarem em associação com sepultamentos e fogueiras rituais.

de camadas arenosas e escuras que representava as camadas finais no sítio, ou seja, o seu topo. Havia uma distância de 13 metros entre uma área de escavação e outra, como fica explicitada na Figura 4.

Castro Faria não dá o real número de sepultamentos encontrados, algo que para ele era humanamente impossível de mensurar. O que se diz é que o número de esqueletos retirados e fotografados é muito inferior ao número encontrado por ele (Doc. CFDA 19.01.017, p.63). Em 1951 Castro Faria retoma as escavações sozinhas. (Doc. CFDA 19.01.018, p. 27) (EDERLI, 2014).

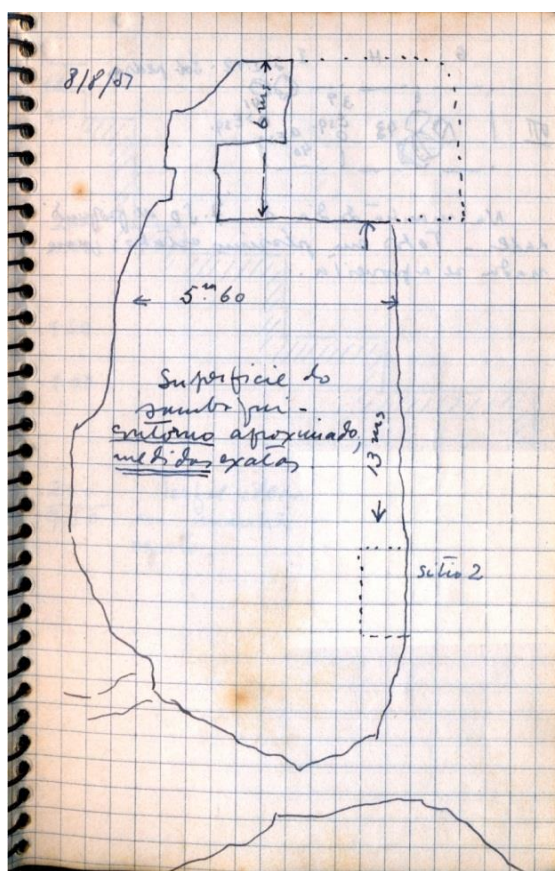


Figura 4 -Desenho evidenciando a possível localização do "sítio 2", caderneta CFDA- 19.01.019, página 84 – Acervo Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST).

Castro Faria encontrou muitos artefatos em posição atípica e/ou partidos de forma peculiar. (Doc. CFDA 19.01.019, p.52). É de suma importância salientar que certos hábitos rituais permaneceram sendo utilizados por gerações em consequência de sua significância para esse povo, sendo ainda encontrados em contexto arqueológico nas últimas escavações (2010, 2011 e 2012) que correspondem a períodos mais antigos da ocupação do sítio (SCHELL-YBERT, 2011, EDERLI, 2014). Ao mesmo tempo em que existem permanências de hábitos rituais, também existem modificações. (Figura 5, a seguir).



Figura 5 – Artefatos partidos e/ou colocados de forma atípica relacionados a sepultamentos do sambaqui de Cabeçuda – Foto Rita Schell-Ybert 2011.

Existem diferenciações nos padrões de sepultamento infantil e de indivíduos adultos, a saber: os infantis encontram-se freqüentemente ornamentados e portando corante, ao passo que os indivíduos adultos não apresentam tantos acompanhamentos funerários. Até o momento, em todas as escavações concretizadas no sítio, esse foi o padrão funerário evidenciado.

Contudo, nas porções escavadas por Castro Faria esse padrão sofre algumas alterações. Por exemplo: os sepultamentos infantis apresentavam alto índice de ornamentos e corante, porém, também apresentavam grandes blocos de pedra cobrindo totalmente os sepultamentos. Um fato que nas cadernetas é apontado por Castro Faria como sendo um aspecto determinante para a localização de sepultamentos infantis (Doc. CFDA 19.01.018, p. 26).

Os sepultamentos infantis eram particularmente mais difíceis de serem removidos devido a sua fragilidade. A medida tomada no caso da não remoção de sepultamentos infantis era a extração dos dentes, possibilitando a determinação da idade posteriormente. (Doc. CFDA 19.01.019, p. 21). Foram encontrados muitos sepultamentos de crianças bem pequenas, talvez recém-nascidas, fato que surpreendeu Castro Faria. (Doc. CFDA 19.01.019, p.19)(EDERLI, 2014). Sepultamentos de crianças e bebês ainda são encontrados nas escavações (SCHELL-YBERT, 2011).

Quanto aos sepultamentos de indivíduos adultos, os mesmos apresentavam pouco ou nenhum adorno e/ou corante em todas as escavações observadas (SCHELL-YBERT, 2011). Entretanto, nas escavações de Castro Faria, eram freqüentemente encontrados sepultamentos assinalados com um bloco de pedra sob a cabeça ou nas proximidades (CFDA – 19.01.019, p.42). Este padrão é observado até as escavações atuais (porções cronologicamente mais antigas do sítio), porém, agora em pouca freqüência (SCHELL-YBERT, 2011). Isso demonstra que esse aspecto não só perdurou por várias gerações, como também teve o seu

uso mais acentuado nas camadas mais novas do sítio que foram escavadas por Castro Faria.

É interessante se pensar que o uso dos grandes blocos de pedra nos sepultamentos infantis (não observados até o momento nas camadas cronologicamente mais antigas) poderia ter tido o seu caráter fundador a partir do uso eventual de um único bloco de pedra assinalando os sepultamentos de indivíduos adultos que foi aumentando a sua freqüência nas camadas mais novas do sítio, onde esses blocos começaram a aparecer também como acompanhamento funerário para as crianças para tornar esses sepultamentos infantis ainda mais ornamentados (Figuras 6 e 7, a seguir).

Os indivíduos encontrados por Castro Faria estavam hiperfletidos enquanto que os indivíduos encontrados nas escavações mais recentes (2010, 2011 e 2012) encontravam-se estendidos (SCHELL-YBERT, 2011, EDERLI, 2014). Antes das transcrições das cadernetas esse era o dado mais proeminente de mudança de padrão de sepultamento proposto para o sítio. Isso demonstra um intrincado ritual funerário que a pesar de diferenciações foi sempre marcado pelo uso do fogo.

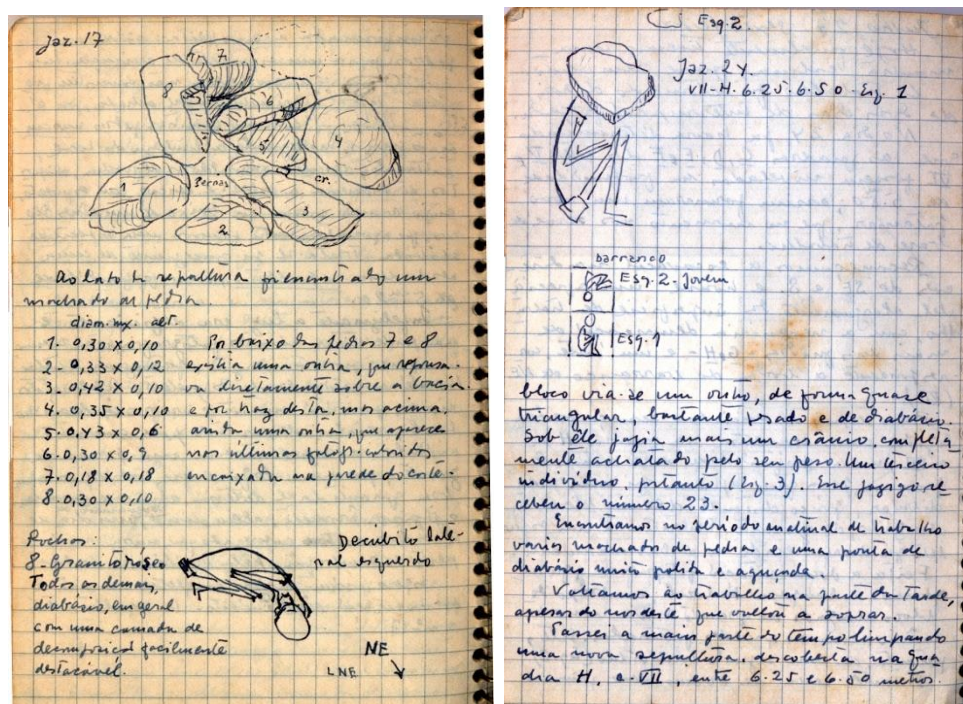


Figura 6 e 7 - Páginas 28 e 42 da caderneta identificada com CFDA – 19.01.019 em que estão representadas as sepulturas assinaladas por Castro Faria acima – Acervo Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST.

Tudo o que aprendemos com o contexto arqueológico evidenciado e com os estudos provenientes sobre o tema demonstram um trabalho orquestrado para a construção do sítio onde não se enxerga uma hierarquia ou diferenciação de

gênero, não existe uma figura no poder (ESCORCIO & GASPAR, 2010). O que vemos é uma solidariedade orgânica, um saber, um conhecimento não escrito, não falado do que se deve fazer (DURKHEIM, 2010).

Os elementos simbólicos presentes na memória fazem parte da vida cotidiana das sociedades que não possuem escritas, pois a cultura dos homens sem escrita é diferente, mas não absolutamente diversa. O primeiro domínio onde se cristaliza a memória coletiva dos povos sem escrita é aquele que dá um fundamento aparentemente histórico à existência das etnias ou das famílias, isto é, dos mitos de origem (LE GOFF, 1924).

O próprio sítio torna-se artefato, agente de construção e manutenção do mito, pois é a partir da existência de um caráter cosmológico que surgem as tradições que no caso se dão através de determinadas práticas rituais que culminam na construção de um monumento para proteção desses simbolismos (comunicação pessoal, SCHELL-YBERT, 2014). A própria ideia de o sambaqui tornar-se, ao longo de décadas ou séculos de construção, um marco na paisagem, tem um caráter simbólico ligado à visibilidade muito forte (DE BLASIS e GASPAR, 2011).

Nestas sociedades sem escrita, há conhecedores da memória, dos quais (BALANDIER, 1974) diz que é “a memória da sociedade”. São ao mesmo tempo os recipientes da história objetiva e que é uma cadeia de acontecimentos que nós, investigadores, narramos e situamos com embasamento em determinados critérios práticos genéricos no que diz respeito às suas afinidades e sucessão, e a história ideológica, que está vinculada a concepção do mito (LE GOFF, 1924).

Não podemos negar as características rituais desses sítios. Através dos estudos podemos notar que o ritual está ligado ao cotidiano desse povo, entretanto, ainda não encontramos indícios de áreas habitacionais. É possível que essas áreas estivessem muito próximas dos sambaquis. É interessante perceber em como é vista a morte por esse povo, o alto esforço desse povo em erigir marcos paisagístico para acomodar áreas funerárias ricamente ornamentadas nos faz pensar que eles percebiam a morte de forma totalmente diferenciada.

O indivíduo sepultado permanece na sociedade, visto que existe cotidianamente uma manutenção do espaço ritual, um cuidado, inclusive se pensamos que as conchas, além de atuarem como material construtivo tem o potencial de preservar material ósseo. Constantemente são também encontradas estacas ao redor das áreas funerárias (KLOKLER, 2012).

Todos os vestígios de festins com uso de fogo de longa duração, com arcabouços funerários ricamente confeccionados que demandam uma força de

trabalho organizada mostram que existe um grande esforço em se manter o indivíduo sepultado ligado ao grupo. O sambaqui é o tempo todo um local de vida e de morte para essa sociedade (EDERLI, 2014).

No decorrer dos processos que pensavam através das implicações sociais advindas dessas sociedades sambaquianas, não podemos deixar de notar que havia um esforço empregado na manutenção daquele meio social, ou seja, os ritos de passagem mobilizavam toda aquela sociedade. A construção do espaço ritual tem caráter fundador, pois o sítio é pensado para abrigar aquele corpo, protegendo-o. Devemos nos questionar, pois temos um parecer enviesado do que é a sociedade sambaquiana, pois, nós os medimos apenas por um cemitério, o que não se aplica ao cotidiano deles. Ainda que tenhamos avançado nas pesquisas, certos modelos de pensamento ainda perduram (comunicação pessoal, SCHEEL-YBERT, 2014).

Nós não podemos medir uma sociedade apenas pelos aspectos rituais, existem inúmeras questões que precisam ser respondidas, nós nem ao menos sabemos onde eles moram. Por décadas se associaram buracos de estaca a fundos de cabanas, quando na verdade, se tratavam de uma cerca ao redor de um indivíduo sepultado. Por muitos anos não enxergamos nem mesmo esses aspectos rituais e percepções simbólicas que circundavam a figura do sambaqui e este, deve ser pensado acima de tudo, como um artefato, um testemunho, um instrumento de agência.

Quais seriam as fronteiras sociais dessa sociedade? Não podemos esmiuçar toda uma sociedade com base apenas em seus hábitos rituais, temos que pensar fora da caixa e refletir sobre o que era o sambaquiano fora do ritual e essa resposta, nós ainda não temos por completo. Sempre existiram barreiras que nos impediram de enxergar os sambaquis como um monumento, ter conseguido mudar isso, é um passo extraordinário. Talvez nunca venhamos a ter certas respostas, mas, isso não significa que não podemos pensar sobre isso, ou que todo trabalho até aqui não é válido.

Por muitos anos, as questões rituais não eram discutidas por grande parte dos pesquisadores. Cabe lembrar que para o próprio Castro Faria o sítio era visto como tendo função habitacional, possuindo restos de cozinha. O autor, inclusive, faz menção aos “verdadeiros fogões” encontrados em todo o sítio. Entretanto, com novos modelos de estudos, novas ciências sendo empregadas, inúmeras questões vêm à tona e nos fazem perceber, o quão pouco nós sabemos sobre os sítios mais expressivos da pré-história brasileira. Apesar de toda dificuldade imposta aos pesquisadores dessa área durante toda trajetória de pesquisa, inúmeros avanços foram conquistados.

Com as informações que temos advindas de conjecturas recentes vemos que, para os sambaquianos, o reino dos vivos é governado pelo reino dos mortos, dado ao aspecto ritual intrincado, que ocorre em todos os sítios sambaquis claramente funerário. Vemos também que a fogueira, presente nas proximidades da esmagadora maioria dos sepultamentos é um elemento ordenador do ritual (comunicação pessoal, SCHEEL-YBERT, 2014).

Por esta razão é necessário explicar o conceito de monumento através de historiadores, pois, o Sambaqui ainda não é enxergado como tal por muitos. Ignoramos por muito tempo esse monumento, e o mesmo recebe esse título, pois, não há outra nomenclatura que o abrace melhor, mesmo que *a priori* não o compreendemos, devemos treinar a nossa visão e ver a força de trabalho empregada na construção de um, no acompanhamento funerário sempre distinto dos diversos sítios e do inquestionável marco paisagístico que ele é. Quando uma pirâmide andina é encontrada é fácil perceber que se trata de um monumento, sem que precisemos invocar nenhuma corrente historiográfica para isso, entretanto, quando vemos um sambaqui, erroneamente nos remetemos a um monte de lixo.

O presente trabalho tem a intenção demonstrar o porquê o Sambaqui é incontestavelmente um monumento marcado e construído pelo fogo. Trata-se, portanto, de uma mudança de percepção, para que nós, não nos mantenhamos presos a conceitos antropocêntricos e venhamos a enxergar essa figura de vida e de morte que é o Sambaqui como ele era enxergado pelos seus povos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes Primárias

CASTRO FARIA L. inédito. Caderneta de campo 1950 - "Santa Catarina", Laguna – Sambaqui da Cabeçuda. Documento CFDA 19.01.017.

CASTRO FARIA L. inédito. Caderneta de campo 1950 - "Santa Catarina", Laguna – Sambaqui da Cabeçuda. Documento CFDA 19.01.018.

CASTRO FARIA L. inédito. Caderneta de campo 1950 - "Santa Catarina", Laguna – Sambaqui da Cabeçuda. Documento CFDA 19.01.019.

C.F.D.A. 05.074 - Congrès Internartional des Américanités. Berlim, 1888, p.459.

Entrevista com Rita Scheel-Ybert, em 2014.

SCHEEL-YBERT. Sambaqui de Cabeçuda (Laguna, SC) 1º Relatório de Pesquisa de Campo (de 10 a 27 de Janeiro de 2011). CNPq 2011.

SCHEEL-YBERT. Sambaqui de Cabeçuda (Laguna, SC) 2º Relatório de Pesquisa de Campo (de 22 a 5 de Maio de 2012). CNPq 2012.

Bibliografia

AB'SÁBER & BEMARD. *Sambaquis da região lagunar da Cananéia*. Boletim do Instituto Oceanográfico, São Paulo, USP. 1953.

BENDAZZOLI, C. O processo de formação dos sambaquis: Uma leitura estratigráfica do sítio Jabuticabeira II, SC. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, Museu de Arqueologia e Etnologia, Programa de Pós-Graduação em Arqueologia. 2007.

BIANCHINI, G.F., SCHEEL-YBERT, R. Plants in a funerary context at the Jabuticabeira-II shellmound (Santa Catarina, Brazil) – feasting or ritual offerings? In Badal, E.; Carrión, Y.; Macías, M. & Ntinou, M. (eds.). Wood and charcoal: evidence for human and natural history. pp. 253-258. Valencia: Sagvntvm Extra. 2012.

BIANCHINI, G.F., GASPAR, M.D., DEBLASIS, P., SCHEEL-YBERT, R. Processos de formação do sambaqui Jabuticabeira-II: interpretações através da análise estratigráfica de vestígios vegetais carbonizados. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, 21: 51-69. 2011.

DE BLASIS, P; KNEIP, L; SCHEEL-YBERT, R; GIANNINI, P.C; GASPAR, M.D. SAMBAQUIS E PAISAGEM Dinâmica natural e arqueologia regional no litoral do sul do Brasil. *Arqueologia Suramericana/Arqueologia Sul-Americana* 3,1, 2007.

EDERLI, T. Sambaqui de Cabeçuda: De Monte de Lixo a Monumento de Vida e de Morte. Monografia de Graduação, Universidade do Grande Rio Prof. José de Souza Herdy, Escola de Letras, Artes e Humanidades, Rio de Janeiro. 2014. 77p.

GASPAR, M.D; HEILBORN e ESCORCIO, A. *A sociedade sambaqueira vista através de sexo e gênero*. São Paulo. *Revista do Museu de Etnologia*. 2011.

HEREDIA O.R. & BELTRÃO M.C. Mariscadores e pescadores pré-históricos do litoral centro-sul brasileiro. *Pesquisas, sér. Antropologia*, 31:101-119. 1980.

KLOKLER, D. Consumo ritual, consumo no ritual: Festins funerários e sambaquis. Goiânia. *Revista Habitus*, 10: 83-104. 2012.

LE GOFF, J. *História e Memória*. Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.

LÉVI-STRAUSS, C. A oleira ciumenta. São Paulo, Brasiliense, 1986. O cru e o cozido, *Mitológicas I*. São Paulo, Brasiliense, 1991. MINDLIN, Betty

NISHIDA, P. "A Coisa ficou preta: Estudo do Processo de Formação da Terra Preta do Sítio Arqueológico Jabuticabeira II". Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, Museu de Arqueologia e Etnologia, Programa de Pós-Graduação em Arqueologia. 2007.

SIMÃO. *Elos do patrimônio: Luiz de Castro Faria e a preservação dos monumentos arqueológicos do Brasil*. Scielo. 2009.